



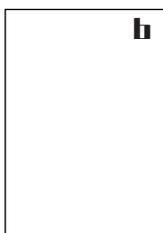
AT

GRAND

HALL

MACAM

CURADORIA
ADELAIDE GINGA



a
L'amour n'est pas un crime, 2025
Henna sobre tela
350 × 900 cm

b
Azetta #1, 2025
Lã tecida e henna
352 × 650 cm



HAREM: TERRITÓRIO DE MEMÓRIA E RESISTÊNCIA

Harem é uma instalação artística que habita o limiar entre o sagrado e o interdito, o visível e o oculto. Composta por duas obras – *L'amour n'est pas un crime* e *Azetta #1* – esta instalação convoca a memória e a resistência, inscrevendo-se na delicada fronteira entre tradição e subversão. Com materiais do quotidiano marroquino, Marion Mounic entrelaça memória, narrativa e gesto, questionando o espaço do harém como território de clausura e poder, desejo e interdição. Espaço de confinamento das mulheres, *Harem* transmite a noção de território—um território que é sagrado e, ao mesmo tempo, gineceu proibido aos homens e aos não muçulmanos, exceto aos príncipes e sultões. O harém não é apenas um enclave feminino, mas um lugar onde a hierarquia se confronta com a intimidade, e o silêncio ecoa tanto quanto os sussurros das negociações invisíveis.

É um território onde as leis da carne e do espírito se entrelaçam em relações lícitas e ilícitas, um espaço onde os géneros se cruzam em múltiplas direções e, por vezes, se invertem, como no caso dos eunucos. Um teatro de sombras e luzes, de dominação e resistência, onde o proibido e a obrigação pulsam sob o véu da tradição. Ali, o desejo conhece a liberdade tanto quanto o confinamento conhece a transgressão.

Desta instalação fazem parte as obras *L'amour n'est pas un crime*, uma tela monumental impregnada de hena e outros componentes orgânicos, onde emerge uma frase escrita em árabe: “O amor não é um crime.” e *Azetta #1*, uma tapeçaria de silêncios e histórias sobre uma trama de lã. Na língua berbere, *Azetta* significa tanto o tear como as células da colmeia e, nesse sentido, Mounic evoca uma vez mais a história das mulheres, os seus espaços e as suas resistências.

Entre gestos quotidianos e rituais invisíveis, a artista dá corpo às memórias que persistem, redesenhando os espaços do feminino como lugares de resistência e reinvenção. *Harem* é murmúrio, sopro e inscrição. Nas texturas e no entrelaçar do tangível e do ausente, abre-se um portal onde tradição e transgressão coexistem, revelando que a arte, como a memória, é um ato contínuo de criação e insurgência.

Adelaide Ginga

/

MARION MOUNIC

Nascida em 1992, Marion Mounic vive e trabalha em Sète.

É uma artista francesa cuja prática explora os conceitos de espaço, luz, tempo e memória, tendo a escultura como meio central. As suas obras e instalações resistem ativamente ao esquecimento e à obscuridade, promovendo uma experiência física e sensorial. Marion cria instalações e estruturas que estimulam os sentidos, evocando sensações do quotidiano.

As suas reflexões artísticas são profundamente influenciadas por referências pessoais e pela sua herança marroquina, ligada à família paterna. Em 2016, viajou para Marrocos, observando atentamente os detalhes da vida quotidiana, os comportamentos e os materiais. Inspirada por estas experiências, criou várias obras que exploram a memória e a identidade, abordando o papel das mulheres nos espaços domésticos e revelando como esses espaços se transformam em territórios de resistência e criação.

Marion Mounic formou-se na École Supérieure d'Art des Pyrénées, em Tarbes, com distinção do júri. Realizou várias exposições individuais e coletivas, nomeadamente em Les Abattoirs, Musée – Frac Occitanie Toulouse; BBB Centre d'Art, Toulouse; MO.CO Panacée, Montpellier; e Maison des Arts Plastiques, Champigny-sur-Marne. Participou no Festival Sète-Palermo (2022) e no Festival Sète-Lisboa (2024). Foi distinguida com o prémio da 17ª Bienal do CRAC (2020), em Champigny-sur-Marne, e com o Prémio Mezzanine Sud, em Les Abattoirs, Musée – Frac Occitanie Toulouse (2019). O seu trabalho integra várias coleções públicas francesas, tendo o MRAC, em Sérignan, adquirido recentemente uma das suas instalações.